

A Europa afastada do coração do mundo

José Pedro
Teixeira Fernandes



Com o centro do poder mundial a deslocar-se para a Ásia-Pacífico e a ascensão da China e da Índia ao estatuto de potências globais, a Europa deixou de ser capaz de influenciar o resto do planeta, o que a pode colocar em risco no futuro

1 A Europa ainda não interiorizou em pleno o que significa perder capacidade de influenciar o mundo. As imagens de um passado europeu dominador, numa lógica imperialista e colonialista, e as injustiças que isso criou em muitas partes do mundo estão bem presentes na população europeia. Isso ocorre na Europa Ocidental, que tem conexão e responsabilidade face a esse passado (no Centro e no Leste a lógica não é essa, o que se pode explicar, em parte, pela ausência de passado colonial no mundo). Em todo o caso, a União Europeia vê-se hoje como uma força para o bem. Renegou oficialmente a *realpolitik* e o *hard-power* (militar) como instrumento normal de política externa. As disputas territoriais tornaram-se irrelevantes pela diluição das fronteiras, as pessoas circulam livremente. Pretende, também, promover causas de alto valor moral (direitos humanos, democracia liberal, ambiente). Se a Europa mantivesse a influência mundial de há um século, essa transformação provocaria uma extraordinária revolução na política internacional.

2 Não é esse o mundo do século XXI. As grandes questões políticas e de segurança mundial passam cada vez menos pela Europa. No passado, conflitos fronteiriços europeus alimentaram a engrenagem de guerras que adquiriram dimensão mundial. Após 1945, os europeus retiraram-se do resto do mundo, num ciclo de descolonização encerrado pela independência das colónias portuguesas. Foi também no imediato pós-1945 que surgiram os dois gigantes asiáticos na sua configuração moderna: a Índia, independente do Império Britânico em 1947; e a China (re)fundada como Estado comunista em 1949. O conflito entre estes estados nos Himalaias permite avaliar

a transformação do mundo. No imaginário europeu, a região é sinónimo de exotismo, aventura e espiritualidade. Mas, o que era marginal, num mundo centrado na Europa e no Atlântico, adquire centralidade com a deslocação do poder para a Ásia-Pacífico. China e Índia são não apenas potências asiáticas, mas, cada vez mais, potências mundiais, o que já é evidente no caso da China. E o conflito fronteiriço tem repercussões geopolíticas potencialmente globais.

3 A disputa sino-indiana é um conflito territorial clássico entre estados soberanos que não se entendem quanto às fronteiras políticas. Algo que os europeus conhecem muito bem, do seu passado traumático, mas que hoje consideram absurdo e ultrapassado, tendo virado a página da história. Só que essa página continua aberta em grande parte do mundo. As atuais ideias da UE (ser “uma força para o bem”, envergonhar-se do passado e querer renegá-lo, desvalorizar as fronteiras políticas e a soberania estadual sobre territórios e populações) não têm muitos seguidores no mundo exterior. Na China e na Índia, não fazem escola. São estados orgulhosamente herdeiros de antiquíssimas civilizações (e longas tradições imperiais), em fase de afirmação de soberania e projeção de poder externo.

4 Vista da Ásia em ascensão de poder, a UE, com o seu ar pós-nacional, talvez pareça uma criação tão exótica quanto a Índia e a China pareciam aos europeus do século XIX. Ambos os estados sentem estar numa curva de ascensão e têm uma dimensão nacional(ista) forte. A China, sob o comando de Xi Jinping e do Partido Comunista, apoia-se no nacionalismo han (o grupo maioritário). Na Índia, o Governo de Narendra Modin, do Partido do Povo Indiano, segue uma linha de nacionalismo hindu. Ambos são potências nucleares e têm as maiores populações do planeta. Ambos procuram um lugar de primeira grandeza no século XXI, o que é muito evidente na China, que já disputa a hegemonia global com os EUA. Mas se os europeus são incapazes de influenciar o mundo (agora como “uma força para o bem”), a questão é saber se não será o mundo – de que a China e a Índia são exemplos maiores – a projetar os seus conflitos e modelos políticos sobre a Europa, fazendo ruir o sonho de paz perpétua.